



SOCIABILIDADES ALÉM DAS BAIAS: SIMBOLISMOS E SIGNIFICAÇÕES EM UM JOCKEY CLUB DO SUDESTE BRASILEIRO

Valdir da Silva Corrêa
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo
vsc.ufes@gmail.com

RESUMO

Buscando identificar as relações sociais presentes em uma organização em que as atividades giram em torno da figura de um animal – o cavalo -, o presente artigo foi desenvolvido em um Jockey Club da Região Sudeste do Brasil, caracterizando tais relações sob o ponto de partida da lente teórica apresentada por Georg Simmel (1983) e outros autores, ao abordarem o tema da sociabilidade. As significações encontradas nas interações dos frequentadores sócios e não sócios abordam, também, os aspectos relacionados aos espaços e tempos onde ocorrem tais interações e apontam a figura do animal e os sentimentos a ele atribuídos, como os “elos” que “reúnem” diferentes camadas sociais, seja por meio da prática esportiva em distintas modalidades de montaria, dos negócios proporcionados onde os produtos são os próprios animais ou os insumos de criação e manejo, ou das atividades laborais que giram em torno dos cuidados com os animais. Para o desenvolvimento do trabalho de formato etnográfico, que dá voz ao pesquisador e onde os amparos teóricos são abordados a partir dos “achados” no campo, a coleta de dados foi realizada por meio de diários produzidos a partir de observações participantes, observações não participantes e entrevistas subsidiadas por roteiros semiestruturados. Em consonância com a proposta etnográfica a divisão seccional e os resultados são apresentados textualmente em primeira pessoa a partir da análise de conteúdos temáticos.

Palavras-Chaves: Sociabilidades, Simbolismos, Clubes Sociais, Cavalo, Etnografia, Jockey Club.

1 INTRODUÇÃO

A paixão pelo cavalo e por tudo que gira em torno desse universo – o universo dos cavalos – a cada dia ganha mais e mais adeptos. Tamanha é essa demanda, que cada vez mais surgem organizações voltadas para as diferentes formas de esportes, entretenimento ou lucros advindos da criação desses animais. É inegável que a figura do cavalo faça parte da própria história da humanidade tendo participação ativa nas grandes batalhas, nas grandes conquistas territoriais, nas mais variadas formas de trabalho rural e atividades esportivas, como bem tem sido retratado pela indústria cinematográfica em filmes épicos onde por vezes o cavalo é coadjuvante e noutras vezes, protagonista. Tamanha é a presença desse animal em nossas vidas

de forma consciente ou inconsciente, que nos utilizamos de várias metáforas onde a figura equina se faz presente. Assim, quando queremos dizer que alguém não obteve sucesso em alguma circunstância dizemos que fulano “caiu do cavalo”, ou, quando alguém obteve sucesso em um pleito dizemos que fulano “lavou a égua”, ainda quando é preciso assumir o controle de alguma situação “tomar as rédeas” (GIL; SIQUEIRA, 2010). Quando recebemos algo de alguém, de bom grado, é comum dizermos que “cavalo dado não se olha os dentes”. Quem poderia descrever a “cor de burro quando foge”?

Em algumas regiões do Brasil o cavalo compõe de forma marcante algumas culturas, tal como nos estados do Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo, dentre outros, e é crescente o número de organizações que surgem com o objetivo de explorar o interesse pelos equinos. É possível identificar empresas que organizam cavalgadas, escolas de equitação, shows de rodeio, bem como laboratórios de pesquisas voltados para ‘melhoria’ de raças por cruzamentos, manipulações genéticas e reprodução assistida.

Considerando que para cada atividade há uma raça que melhor se adéqua ou oferece melhor desempenho, há uma constante busca em se “produzir” um animal que corresponda com maior conforto a atividade a ele imposta. Para cavalgadas e passeios de puro entretenimento, ganham maior espaço as raças de passo cômodo e docilidade em que o cavaleiro ou amazona não sofra os impactos das passadas do andamento do animal. Para as atividades hípcas de salto busca-se animais de grande porte, resistência e força, qualidades que favorecem essa modalidade esportiva. No *Turff* (corrida) buscam-se animais de grande resistência, velocidade e leveza corpórea.

Para atividades rurais que envolvam força e tração, são priorizadas as raças de grande massa muscular e destreza. A destreza é ainda fundamental para cavalos que participam de espetáculos circenses, pois, considerando sua capacidade de “aprendizagem”, desenvolvem atividades rítmicas como danças e correspondem a comandos para realizarem inúmeras ações. Ganham destaques, ainda, os animais que contribuem para atenuar sintomas de doenças diversas por meio do tratamento equoterápico.

Na Europa estão concentradas as raças que mais aguçam a paixão dos amantes pelos cavalos, e também, vêm de lá as características desejáveis para os cruzamentos com raças que melhor se adaptam às condições climáticas das distintas regiões do Brasil, quando se fala de características como maior porte e massa muscular. Por outro lado, as raças brasileiras que

oferecem maior conforto em montaria têm conquistado maior espaço no mercado europeu. Um grande evento bianual acontece na Cidade de Essen, Alemanha, onde é realizada a Equitana – maior feira de cavalos do mundo – onde são expostas raças do mundo inteiro e também tudo o que há de tecnologia para a criação, cuidados e “trilhas” que compõem o universo do cavalo.

A dinâmica com que o “mercado cavalo” se desenvolve e cria nichos de profissionalização cria também inúmeras possibilidades de negócios, fazendo surgir várias tipologias de organizações que exploram a figura do cavalo, seja pelo negócio rentável que se apresenta, seja pela paixão pelo animal, ou, o que ocorre com mais frequência, que é a junção dos dois motivos. O campo pesquisado, apresentado a seguir, certamente, tem a paixão pelo cavalo como o elemento principal, mas que possibilita de formas diretas e indiretas movimentações de negócios lucrativos.

Os jockeys clubes são caracterizados como clubes sociais e apresentam na maioria das vezes um formato espacial comum. São nas divisões desses espaços de convivência que as interações ocorrem de diversas formas e com distintos objetivos, assim como ocorrem em clubes sociais em que a “atração” não seja pela via de um animal. Tais espaços produzem sociabilidades caracteristicamente relacionadas ao meio urbano e, no Brasil, até o final da última década, havia 13.826 clubes sociais que totalizavam aproximadamente 53 milhões de pessoas envolvidas direta ou indiretamente com tais organizações (CAMARGO; SILVA, 2008). Tais dados apontam as possibilidades para que estudos organizacionais sejam realizados nos diferentes tipos de associações civis voltadas para a manutenção de tradições culturais e atividades esportivas e, nesse contexto, entende-se ser essa demanda, também, uma justificativa para a realização de estudos sobre as organizações que possuem como elemento central a figura de diferentes animais.

2 APROXIMAÇÃO COM O TEMA DA PESQUISA NA PRODUÇÃO ETNOGRÁFICA: A PRESENÇA DO PESQUISADOR

Aprender pela via das coisas que nos despertam interesse é inquestionavelmente uma forma de facilitar o aprendizado (FREIRE; GUIMARÃES, 2001). Nesse sentido, a opção por desenvolver uma pesquisa de formato etnográfico em um Jockey Club deve-se em primeira mão por minha verdadeira paixão pelo cavalo e por tudo que gira em torno desse animal. Desde a mais tenra idade convivi com grande aproximação com esses animais e, sem dúvida, ao longo da vida fui despertado a conhecer as diferentes raças e estudar sobre cada uma delas. Mesmo

tendo maior interesse pela raça Campolina, animais de grande porte, andamento estável, docilidade e destreza, raça pela qual dispense maior tempo em estudos, acompanhamento de perto a dinâmica com que esse “universo” de inúmeras raças se desenvolve.

Desse modo, meus aprendizados a partir de vivências, visitas a eventos e criatórios de várias raças e em vários países me possibilitam discorrer com considerável segurança sobre o assunto “cavalo”. No entanto, os estudos realizados sobre simbolismos e cultura nas organizações, me despertaram a obter compreensões para além dos cavalos. Nesse sentido, o “ambiente” em torno da figura do animal passa a ser uma possibilidade de conhecer e produzir conhecimentos sobre organizações que tenham como tema central o cavalo ou outros animais.

3 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO: O JOCKEY CLUB

O tipo de organização em que a pesquisa ocorreu é denominada Associação Civil, desse modo, o Jockey Club (JC) é caracterizado por uma *sociedade civil de interesse público, de direito privado e sem fins lucrativos*, amparado pela Lei Federal nº 9.790 de 23 de março de 1999. O Jockey possui um estatuto próprio que, embora tenha sido solicitado para que pudesse também contar com fontes documentais que contribuíssem para a descrição do campo, não foram disponibilizadas tais documentações em tempo hábil. Tendo percebido uma possível intencionalidade em não disponibilizar o acesso a documentos, considere por bem não insistir.

O JC está localizado em uma região metropolitana composta pela concentração de sete municípios com aproximadamente dois milhões de habitantes. Está à margem de uma rodovia de expressiva movimentação turística, conta com um grande Shopping de um lado e do outro lado há um terreno que se encontra em fase inicial de obras para um grande condomínio residencial e, ainda, tem proximidade com a área litorânea. Possui uma área de aproximadamente 36.000 m², contendo nessa área: cinco pavilhões que comportam 98 baias; 03 redondéis; 01 pista de hipismo rural; 01 pista para hipismo clássico; 01 área para pequenos eventos de confraternização; 01 casario para abrigo de comissão de julgamento de provas e estacionamento com guarita de controle de acesso para aproximadamente 60 veículos de médio porte. Ainda na área do JC estão localizadas outras estruturas locadas a terceiros. Assim, há ainda 04 quadras de tênis, uma loja de produtos de selaria e uma edificação onde está localizada a Churrascaria, cujo Bar, aos fundos, possui uma grandiosa varanda voltada para a pista de Hipismo Clássico e, por esta varanda, se tem acesso aos sanitários e à secretaria do Jockey.

Os frequentadores do JC são divididos em sócios e locatários, uma vez que são oferecidos os serviços de hospedagem de animais e também os serviços veterinários e cuidados rotineiros como limpeza de baias, banho, tosa, casqueamento e ferrageamento. Há uma grande equipe de trabalho que se distribui em variadas funções, porém, ao buscar informações sobre o número de profissionais efetivamente vinculados ao Jockey, quando entrevistava um dos diretores, foi possível perceber que tal pergunta causou incômodo, então não insisti no questionamento, até porque, ao entrevistar outros pesquisados, o assunto acabou trazendo tal explicação que será apresentada à frente. Outro questionamento que também não foi respondido por um dos diretores entrevistados, por motivo não exposto, foi sobre o número de sócios cotistas e o número de locatários. Em outras entrevistas tais informações também não apareceram, mas, nessas ocasiões foram alegados desconhecimento sobre tais números.

Vale ressaltar aqui que para realizar a pesquisa solicitei autorização à diretoria do JC expondo que tal atividade consistia no desenvolvimento de um estudo relacionado a organizações que tinham a figura de um animal – o cavalo – como elemento de destaque na organização, e que meu estudo buscava conhecer a formas de relacionamentos produzidos no âmbito do JC. A pesquisa foi prontamente autorizada, e por conhecer o ambiente onde realizei o estudo, o acesso a alguns entrevistados foi facilitado.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE A METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desse trabalho realizei treze visitas ao campo, que totalizaram sessenta e duas horas de observação. No entanto, somado a essas horas e com amparo nas características previstas para um estudo etnográfico, estou considerando como “observação participante” momentos em que, na condição de aluno do Jockey em tempos anteriores, pude obter algumas informações que aqui contribuíram para a melhor apresentação do campo e obtenção de dados que permitissem uma ampla compreensão sobre o tipo de organização onde o estudo ocorreu, descrevendo com densidade e dentro das possibilidades, os resultados encontrados.

Não obstante, os estudos que abordam as estratégias de pesquisas voltadas para o campo social vêm reconhecendo a importância da “presença” do pesquisador na produção do conhecimento (TRIVINOS, 1987; BOGDAN; BIKLEN, 1994; GARCIA, 2003; VIEIRA; 2004; FERRAÇO, 2001; CUNLIFFE, 2002; SILVA, 2007), considerando, ainda, que seus saberes sobre os temas pesquisados podem proporcionar a produção de conhecimentos em maior profundidade.

Seguindo a proposta de uma apresentação de pesquisa qualitativa que pode ser vista como uma abordagem que exerce a função de dar poder e voz às pessoas, “em vez de tratá-las como objetos” (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002, p.30) e oferecer a possibilidade de maior compreensão em profundidade por produzir informações contextuais de grande valor para explicar achados específicos (GASKELL, 2002), a opção de linguagem textual em primeira pessoa tem por objetivo

demarcar o princípio da autoridade, pois o autor pesquisador se coloca diante do seu leitor com o propósito de levá-lo a aceitar suas observações, suas suposições, suas impressões, suas hipóteses e suas conclusões. Demarca, também, a posição dos demais pesquisadores, entre os quais ele se inclui. A presença das formas de primeira pessoa, além de pretender uma interação autor-leitor, é fator marcante no processo de persuasão e convencimento. Sair da posição distante, de pesquisador que se coloca como observador que apenas relata a pesquisa e os seus resultados, para a posição de agente, participe direto do processo, imprime ao relato um tom de sinceridade, de fidelidade, de testemunho vivo, que resulta em força de convencimento no processo argumentativo (OLIVEIRA, 2015, p. 17).

Assim, foram realizadas doze entrevistas não estruturadas que objetivaram permitir maior fluidez na comunicação com os pesquisados, mas que também, evitasse criar impacto que pudesse gerar constrangimentos. Adotei essa estratégia, uma vez que, uma de minhas perguntas ao primeiro entrevistado (um dos diretores), causou incômodo. Esse incômodo estava relacionado a questões trabalhistas que não são absolutamente relevantes para esse trabalho. No entanto, a pergunta que causou incômodo foi tão somente introdutória e “despretensiosa”:
“Quantos funcionários tem o Jockey?”

Foram entrevistados: dois membros da diretoria, três sócios proprietários, três atletas, um pai de atleta (ex-atleta), dois tratadores e um garçom. Nos depoimentos os entrevistados são apresentados de acordo com características/sentimentos manifestados como uma forma de preservação de suas identidades.

Como a movimentação do JC tem mais intensidade nos finais de semana, as idas ao campo ocorreram em cinco sábados, seis domingos e duas sextas-feiras.

Estando na mensagem os elementos essenciais para a captura dos dados e podendo ela ser “verbal [...], gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” expressando significado e sentido que não podem ser considerados de forma isolada (FRANCO, 2003, p.13), a análise dos dados foi realizada a partir de conteúdos temáticos produzidos no campo, tendo assim o ‘tema’ como unidade de registro e, de modo a evitar a simplificação ou

diminuição dos valores dos dados, as categorias foram definidas *a posteriori*, considerando que o fenômeno estudado apresenta uma dinâmica de relações sociais que pode ser expressada na forma de uma linguagem que abriga mecanismos interacionais baseados em “linguagem, pensamento e ação” (FRANCO, 2003, p.14) que propiciaram a construção de categorias com melhor definição, uma vez manifestadas no decorrer das atividades de campo. Para Franco (2003), a análise de conteúdo consiste em uma técnica que possibilita ao pesquisador o uso de sua sensibilidade e competência teórica para inferir em sua análise, a partir de comparações textuais e classificação das especificidades das mensagens.

O tratamento dos dados e a análise ocorreram a partir do método de análise de conteúdo em que os temas constituíram categorias e subcategorias temáticas emergidas dos dados (BOGDAN; BIKLEN, 1994), sob as quais são apresentados os resultados amparados na disposição teórica, a seguir.

5 AS TEORIAS, OS ESPAÇOS E AS SOCIABILIDADES: UMA “LEITURA” SOBRE O JOCKEY CLUB

Para apresentar observações capturadas sobre os espaços do JC, devo, de antemão, informar que, além das visitas programadas para o desenvolvimento da ‘pesquisa etnográfica’, acrescento ainda dados e informações sobre os espaços, levando em consideração que o JC não consistiu um ambiente totalmente estranho para mim, uma vez que, como já dito na introdução, como amante dos cavalos e de tudo que tal “universo” apresenta, costume freqüentar os espaços de alguns Jockeys, sendo, portanto, conhecedor da estrutura física e também de pessoas que freqüentam e que trabalham no local onde o estudo ocorreu.

Meu contato anterior com o espaço do JC pesquisado ocorreu em um período em que fui aluno de Hipismo Clássico, podendo assim experienciar/observar “de dentro” elementos que compõem meus registros etnográficos. Salvo maior juízo, entendo que a “não estranheza” em certos pontos a serem abordados à frente, não comprometeram o desenvolvimento da pesquisa, e sim, contribuiram para uma releitura dos espaços e das interações, considerando que, agora, acompanhado de arcabouço teórico sobre possíveis perspectivas a serem abordadas, me foi possível apurar significados e fazer emergir sentidos que outrora, sequer imaginaria que poderiam ali existir.

5.1 O QUE “DIZEM” OS ESPAÇOS?

Para maior compreensão do que proporcionam e, portanto, podem significar os espaços, recorri ao amparo da concepção de Chanlat (2010), ao se referir aos espaços como lugares que possibilitam a “construção do universo de significados”. Bem sabemos que é no “espaço” que as interações e relações sociais ocorrem nas mais variadas formas. No Brasil encontramos clubes sociais que desenvolvem inúmeras atividades culturais e/ou esportivas e, muitas vezes essas associações atuam fortemente na preservação e difusão de culturas étnicas (SILVA; PEREIRA; MAZO, 2012), exemplos disso são o Clube Nippon/Nikkei das tradições orientais, o Clube Ítalo Brasileiro das tradições italianas e o Clube Luso-Brasileiro das tradições Portuguesas, dentre outros. A cultura gaúcha no Brasil também possui uma Associação – Centro de Tradições Gaúchas – que atua na manutenção e divulgação das tradições e costumes do Estado do Rio Grande do Sul e estão representados em vários estados brasileiros (CAMARGO; SILVA, 2008). No caso do Jockey Club onde se deu o estudo, a figura do animal – o cavalo – é central, uma vez que, todas as atividades desenvolvidas em seu espaço, subtraindo os locais alugados para outros fins, como o Restaurante e as quadras de tênis, convergem para as atividades equestres.

Os primeiros lugares observados foram os pavilhões das baias e, nesses espaços, onde são realizados os cuidados com os animais, pude ver as equipes – tratadores, jockeys, amazonas, veterinários, etc, em seus momentos de socialização e labor. Como minhas visitas ao Jockey Club foram em maioria nos finais de semana, pude presenciar dias de maior movimentação pois nos finais de semana são os dias em que sócios, locatários e visitantes dispõem de tempo para praticar os esportes equestres, treinar para competições, receber aulas de montaria, supervisionar os cuidados dispensados aos animais, almoçar no Restaurante ou relaxar na varanda do bar assistindo aos treinos, competições, fazer negócios ou para o desenrolar de um bate-papo. Uma exceção aos finais de semana são os trabalhos de equoterapia que ocorrem em geral no período de segunda a sexta-feira. Como a figura desse pesquisador não era tão estranha ao lugar, em nenhum momento fui interpelado sobre minha presença ali por quem não estava participando da pesquisa, então, tive trânsito livre por todas as áreas que considerei relevantes.

A estrutura física dos pavilhões das baias expressa claramente o poderio socioeconômico de alguns sócios e proprietários de animais. Os primeiros pavilhões de baias, em posição privilegiada, abrigam os cavalos de raças de maior destaque. Cabe aqui ressaltar que há sócios que não possuem cavalos, possuindo apenas títulos.

Na área das baias os animais são preparados para a montaria onde são colocados cabeceira, embocadura, pelego, selas e, por vezes outros adereços, em especial quando o animal é montado por uma atleta do sexo feminino. Nessas situações são comuns os detalhes de orelhas, caneleiras ou até mesmo a sela em cores como rosa, amarelo, lilás, etc. Em geral essa atividade de preparar o cavalo tem a participação dos desportistas, tratadores e por vezes até dos familiares dos atletas que sempre estão presentes. Nesses momentos os diálogos são generosos, amáveis, percebe-se que a paixão pelo animal impregna o lugar. Ali, a estrela é o animal e as palavras para se referirem a eles, sejam pelas mulheres ou pelos homens são sempre manifestações de afetividade.

Ainda sobre os espaços, a localização geográfica privilegiada do JC desperta grande interesse no mercado imobiliário. As especulações sobre a possibilidade de o JC ser transferido para outra localização, cedendo aos interesses de alguns sócios, se mostrou como um assunto que causava perturbação naquele momento. A crescente procura por espaços onde se permita a construção de grandes condomínios como uma tendência imobiliária, lançava sobre o JC um grande interesse de alguns empresários da construção civil, sendo percebido um possível interesse de alguns sócios em ceder a tais interesses.

[...] eu vejo que algumas pessoas estão interessadas em que isso seja vendido, mas aí percebo que é interesse muito particular [...] tem gente aqui que mexe com construção civil. Tem construtora [...] aí percebo que essas pessoas ficam tentando mobilizar sócios que sejam favoráveis a isso. [...] sou contra porque se tirar isso daqui, vai acabar com o JC. Ninguém vai querer ir para longe daqui. Eu frequento isso aqui desde criança. [...] eu aprendi aqui e meus filhos agora estão aqui, então eu sou contra. Mas vamos ver onde vai dar isso. (Entrevistado: sócio descontente e preocupado).

A preocupação com o futuro do JC vem causando desconfortos e desgastes nas relações entre sócios e não sócios, inclusive impactando a administração. É grande a tensão e as divergências de interesses tem aumentado a movimentação política das relações, ao mesmo tempo que também gera falatórios em grupos isolados.

Em uma organização como o JC, em que animais e humanos se apresentam em diferentes espaços e tempos, onde vários aspectos da vida organizacional se emaranham, a fronteira entre os elementos da vida humana e da agência animal denotam a complexidade desse tipo de organização (SAGE, JUSTESEN, DAINTY, 2016).

5.2 AS INTERAÇÕES: DO “BICHO” HUMANO AO “BICHO” ANIMAL

Se nas manifestações de afetividade entre humanos e cavalos foram claras as evidências de interações, não se pode afirmar que isso se traduz em sociabilidade “propriamente dita” entre as pessoas e os animais, o que não seria a meu ver um despropósito. No entanto, torna-se evidente que o animal proporciona a sociabilidade entre as pessoas que estão ali, em contato direto ou indireto com eles.

Vale ressaltar que no mundo contemporâneo, onde aspectos da vida humana são supridos e/ou suprimidos por realidades diversas, os bens materiais, assim como os animais, se tornam foco de emanção de sentimentos e comportamentos por parte dos humanos, ampliando as possibilidades de negócios advindos do “mercado animal” e ampliando significativamente as possibilidades nas variações dos *pets* (animais de estimação). Se não pudermos definir a relação entre os humanos e os animais como possível “sociabilidade”, por certo a aproximação disso se dá pela via das interações possibilitadas sob outros aspectos teóricos onde a interação humano e não humano ocorre, como na Teoria Ator-Rede (LATOURETTE, 2005) ou, ainda, levando em consideração os possíveis benefícios advindos da ‘convivência’ entre humanos e animais, nos mais diversos aspectos da vida humana (COSTA, JORGE; 2009).

Uma possível contradição percebida no JC é a presença de uma churrascaria que me levou a contrapor o direcionamento de afetividades ao animal “o cavalo”, com as comemorações sobre a vitória de um conjunto (quem monta + o cavalo montado). Por vezes essas comemorações ocorrem em meio a fatura alimentícia (carnes) de outras espécies animais. Essa dicotomia entre os animais para amar, afagar e acariciar e os animais para espetar com o garfo e comer, denota que para algumas pessoas os animais não possuem o mesmo significado sob a ótica dos sentimentos, nem tampouco há para muitas delas algum tipo de reflexão sobre isso. É bem verdade que aquilo que comemos, seja de origem vegetal ou animal, tem também, expressas origens culturais. De todo modo, é percebida uma separação entre os animais que devam ser abatidos para alimentação e aqueles “para quem uma conexão emocional deva ser mantida” (LABATUT; MUNRO; DESMOND, 2016, p. 325). O relato abaixo exemplifica uma fronteira entre sentimento e preocupação com o bem-estar animal.

olha, eu sou apaixonada por cavalo desde criança, então isso aqui pra mim por um lado é um lazer. Uma terapia! Mas por outro, [...] sabe, eu fico pensando sobre os bichinhos ficarem tão sem espaço [...] eu não venho aqui todos os dias [...] eu quero ter meu cavalo, mas.... [...] acho que também, não ter o meu cavalo não vai mudar a vida dele (*risos*). Se não for meu, vai ser de outro e ele vai ficar numa baia de todo

jeito [...] então é bem estranho essa sensação de gostar dele e ao mesmo tempo não saber se ele está feliz (*risos*) [...] eu acho que ele é feliz (*risos*) às vezes eu sinto isso. (Entrevistada: olhos brilhantes - apaixonada e sofredora).

[...] então eu gosto muito de estar aqui [...] estar entre os animais [...] trabalho com gente e isso é muito estressante [...]. Lidar com o bicho gente é muito mais complicado do que lidar com os animais [...] prefiro os animais [...] eles não me perturbam (*risos*). (Entrevistado: Amigão do Lobuno). *Obs: "Lobuno" é a descrição da cor de um animal que possui pelagem acinzentada, próximo ao "chumbo".*

Embora o JC se apresente com todas as características de um clube social em que a “atração” seja o animal, não se pode afirmar que os cavalos sejam definitivos ou “definidores” nas ações da administração organizacional. Os interesses de mercado, seja imobiliário, dos criadores de animais, dos fornecedores de insumos animais ou dos prestadores de serviços, exercem maior poder sobre as decisões, e, nesse sentido, não é possível a alegação de que os elementos humanos e animais atuem de forma conjunta na definição das ações e do futuro do JC, reafirmando, portanto, que a agência animal, é tratada de forma isolada no contexto administrativo (SAGE, JUSTESEN, DAINTY, 2016).

5.3 SOCIABILIDADES: AS FACES DAS INTERAÇÕES

Alguns momentos me chamaram bastante atenção – pude perceber que um determinado tratador, quando não havia atletas ou proprietários próximos aos animais, manjava-os com bastante rispidez, mas na presença do proprietário do animal ou de sua filha, que montava o cavalo, adotava a postura branda e carinhosa com o animal. Assim, tratar bem o animal era uma forma de criar uma interação mais amigável com os “patrões”. Por outro lado, desse mesmo momento de interação, foi possível notar que a forma com que o proprietário do cavalo se reportava ao tratador era, em certa medida, enaltecendo suas qualidades. Essa forma de interação, segundo Simmel (1983) compõe o mundo artificial da sociabilidade, quando em uma relação de mera cortesia “o indivíduo forte e extraordinário não só se nivela aos mais fracos, mas inclusive age como se o mais fraco fosse superior e mais valoroso”. A inserção de um trecho do diário de campo apresentado a seguir, ilustra uma situação similar.

[...] foi quando o Senhor “Fortuna” perguntando ao tratador o que ele estava precisando, chamou o tratador de “patrão”, dizendo em tom de brincadeira, que era só ele (o tratador) “mandar” que ele (o dono do cavalo) iria tomar as providências. (*Trecho de um diário de campo. Folha 28. Obs: "Fortuna" foi o nome fictício usado para apresentar um empresário, sócio do JC*)

Na área das baías pude notar também as rodas de mexericos e fofocas entre jovens atletas e também familiares. Numa dessas rodas, como conhecia uma ex-amazona, que tem uma filha

que também pratica o hipismo, me aproximei para cumprimentá-la e ainda pude perceber que faziam críticas a um cavalo adquirido recentemente por outra atleta que chamarei aqui pelo nome fictício de Marcela. Alguns dias depois, como tenho a Marcela em uma rede social, pude ler o seu desabafo em relação às críticas que faziam ao seu animal:

‘[...] que a inveja e maldade de quem não tem amor pelos animais, não faça adoecer o meu cavalo que ainda há de fazer comigo um belo conjunto campeão [...]’.

Tal fato me chamou atenção em especial por ser grande o número de jovens, em geral filhos de famílias em nível econômico elevado, que praticam o hipismo. Fiz contato com a Marcela e também com seu pai solicitando que me fosse concedida uma entrevista. A entrevista não se baseou em um questionário estruturado, meu objetivo era deixar que os assuntos surgissem livremente. Sobre o fato ocorrido relataram que são comuns as críticas aos animais, já que, criticar os atletas poderia criar desavença entre as famílias, então, ainda que a crítica seja ao desempenho do atleta, ela é feita pela via da crítica ao animal. A essa ocorrência chamei de *Bullying* via cavalo. Se essas interações podem fazer surgir conflito entre os familiares, o cavalo assume nesse caso a via condutora da crítica, por vezes mascarando a intencionalidade real. Desse modo, o cavalo poderia estar assumindo o efeito do “campo das sombras”, onde o pensamento ortodoxo tenta despersonalizar os fatos como se esses fossem externos aos indivíduos, separados dos seus corpos físicos, e pela ausência de corpos físicos, no caso, humanos, não seria possível o atrito. (SIMMEL, 1983).

No livro de Douglas e Isherwood (2004), ao se referirem ao mundo os bens, o poderio de consumo e também o bem em si, despertam o sentimento de inveja, que replica a idéia do próprio consumo. Tendo um cavalo que é um “bem” criticado pelos rivais, não é incomum que um novo animal seja adquirido. Quando entrevistei um dos treinadores me foi dito que quando um cavalo é adquirido de um criatório estranho ao grupo, é comum que os criadores locais ou pertencentes ao grupo, demandem críticas de toda ordem ao “cavalo estrangeiro”. Busca-se com isso assegurar que as negociações de animais privilegie os criatórios locais ou de pessoas de mesmo grupo.

As rivalidades nos esportes eqüestres ocorrem dentro das modalidades e, também, entre as modalidades distintas. No JC destacam-se os grupos do hipismo clássico (salto), do hipismo rural (três tambores) e grupos de cavalgada (entretenimento/lazer), e para cada modalidade, como dito anteriormente, utilizam-se diferentes raças de cavalo. Os espaços para cada

modalidade são claramente demarcados uma vez que apresentam características próprias de cada uma delas. Nos horários de atividades de competição e treinamento é possível ver que os grupos de mesma modalidade estão sempre em seus “devidos lugares”. Com raras exceções, os tratadores também se agrupam aos proprietários e cavaleiros de acordo com as modalidades em que os cavalos atuam, estando ali para “exercer os cuidados” com os animais e, às vezes, bajular seus patrões.

Exercer a função de tratador de um cavalo de destaque na raça, cujo proprietário seja um premiado atleta ou alguém de poderio econômico mais elevado, também cria uma “hierarquia” social entre os tratadores, ainda que estejam em maioria trabalhadores em situação de informalidade. Observei que por meio de suas “linguagens próprias” é comum a tentativa de se destacar ou parecer superior aos demais tratadores, por estar trabalhando para grupos de maior “destaque” social e/ou econômico dentro do JC. Assim, diante dos demais tratadores, aquele que se mostra “próximo” aos seus patrões, passa a ocupar um “espaço social”, também diferenciado entre o grupo. Nesse universo de relações, os tratadores em “posição desprivilegiada” são requeridos a colaborarem com os tratadores de “destaque”. Por vezes, os “favores” e “colaborações” se transformam em moeda de troca, onde se amarram novas “necessidades” de disposição para novas colaborações.

O vestuário de cada modalidade esportiva indica claramente a que modalidade as pessoas estão vinculadas. O “glamour” das vestimentas do hipismo clássico briga com as vestes “country”. Enquanto é dito uns aos outros no hipismo clássico que estão “elegantes” ou “vestido a rigor” para tecer um elogio, na modalidade do hipismo rural é dito que o sujeito se encontra “traiado”, que é a vestimenta do sertanejo. Mas por que não “tralhado”, já que a palavra se origina do que chamamos de “trilhas”? A linguagem também simboliza um divisor nas modalidades, e nesse caso, no bom linguajar sertanejo, só poderia ser “traiado”, que tem origem “nas traias”.

Os símbolos visuais e também a linguagem, em alguns momentos, perdem suas demarcações e levam grande parte dos frequentadores do JC a um lugar comum, onde as diferenças são minimizadas e às vezes até nos fazem pensar que desaparecem, fazendo lembrar o dito por Bresler (2009) no texto *A roupa surrada e o pai*, quando os funcionários de uma marcenaria trocavam de roupa para ir almoçar e, com suas vestes comuns, se tornavam iguais aos demais frequentadores do restaurante.

No caso do JC, em especial nos finais de tarde, quando se encerram os treinos e/ou competições, as roupas de montaria dão lugar a roupas comuns e “todos” se encontram na varanda do Bar. É na varanda do bar que a sociabilidade ganha corpo por meio da conversação, que segundo Simmel (1983), “é o veículo mais genérico para tudo aquilo que os homens têm em comum”, seja com objetivos claros como negócios – compra e venda de animais, de ração, de serviços veterinários, etc – seja por amenidades, onde as palavras tem apenas o objetivo de buscar outras palavras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jockey Club estudado foi percebido como uma organização que possui considerável fragilidade sobre os aspectos administrativos, uma vez que, especialmente, nesse momento, em que ocorria o estudo, passava por divergências em sua administração. O mercado imobiliário tem feito ofertas para aquisição do terreno que além de possuir localização privilegiada pode comportar um grande condômino residencial. Essa pressão tem colocado sócios em divergências, havendo ainda uma preocupação com “funcionários” não registrados que trabalham no local há tempos. Alguns proprietários possuem grande número de títulos e tem feito pressão pela venda do imóvel, por outro lado, os praticantes apaixonados pelos esportes eqüestres temem que haja um encerramento das atividades do Jockey ou que ele seja instalado em local distante, que acarretaria em risco de findar suas atividades.

Grande parte dos atletas são jovens e adolescentes de famílias de maior poder aquisitivo. Há entre eles uma rivalidade que ultrapassa os embates desportistas e tomam especial lugar no campo da vaidade e exibicionismo. Uma competição fora das pistas toma lugar, e, por vezes as famílias também se rivalizam, sempre de forma não direta. Assim, as sociabilidades manifestadas, em especial nesse momento de indefinição quanto ao futuro do Jockey Club consistem em interesses diversos.

Se nesse momento as sociabilidades apresentam considerável efervescência nas conversações da varanda e lançam preocupações de várias ordens sob o ponto de vista organizacional, as sociabilidades dos pavilhões das baias assumem conversações amenas quando o interesse na manutenção do Jockey está diretamente associado à paixão pelo “universo dos cavalos” e pelas práticas eqüestres.

Foi possível perceber que as organizações cujos temas centrais de suas atividades possuem animais em suas razões de existência, se apresentam como possibilidades para realização de estudos que podem preencher lacunas de conhecimento sob os mais variados aspectos da vida social, econômica e/ou da “gestão” propriamente dita, de organizações que tenham os animais como ‘elemento integrador’.

7 REFERÊNCIAS

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUN, N. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p.17-36.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Codex, 1994.

BRASIL. Lei nº. 9.790, de 23 de março de 1999. Dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, institui e disciplina o Termo de Parceria, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 24 de mar de 1999.

BRESLER, R. **A roupa surrada e o pai: etnografia em uma marcenaria**. In: MOTTA, F.C.P.; CALDAS, M.P. **Cultura organizacional e cultura brasileira**. São Paulo: Atlas, 2009. p.111-126

CAMARGO, L. A. R.; SILVA, M. R. **Os clubes sociais e recreativos e o processo civilizatório brasileiro: uma relação de hábitos e costumes**. In: Simpósio internacional proceso civilizador, 11., 2008, Anais... Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 2008. p. 68-75.

CHANLAT, J.F. **O ser humano, um ser espaço-temporal**. In: CHANLAT, J.F. (Coord). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. V.3. São Paulo: Atlas, 1994.

COSTA, E. C.; JORGE, M. S. B.; SARAIVA, E.R.A. COUTINHO, M. P. L Aspectos psicossociais da convivência de idosas com animais de estimação: uma interação social alternativa. **Revista de Psicologia: Teoria e Prática**, v.11, n.3, p. 2-15, 2009.

CUNLIFFE, A. L. Reflexive dialogical practice in management learning. **Management Learning**, v. 33, n. 1, p. 35-61, 2002.

DOUGLAS. M.; ISHERWOOD. B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

FERRAÇO, C. E. Ensaio de uma metodologia efêmera ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes dos saberes**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 91- 107.

FRANCO, M.L.P.B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano, 2003.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Aprendendo com a própria história**. Vol. 1. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GARCIA, R. L. Tentando compreender a complexidade do cotidiano. In: GARCIA, L. R. (Org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. Cap. 3, p. 64-89.

GIL, M.M.; SIQUEIRA, M. **Compreensão de metáforas relacionadas à figura do cavalo na cultura gaúcha**. *Linguas e Letras*. Dossiê: Língua e cultura na América Latina, Vol. 2, nº 20, 1º sem/2010. p. 51-67

LABATUT, J.; MUNRO, I.; DESMOND, J. Animals and organizations. **Organization**, Leicestershire, v. 23, n 3, IN PRESS, 2016. p. 315-329.

LATOUR, B. **Reassembling the Social: an introduction to Actor Network Theory**. Oxford: Oxford University PRESS, 2005.

OLIVEIRA, S. F. As vozes presentes no texto acadêmico e a explicitação da autoria. **Pedagogia em Ação**, [S.l.], v. 6, n. 1, mar. 2015. ISSN 2175-7003. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/9182/7673>>. Acesso em: 24 Jan. 2018.

SAGE, D., JUSTESEN, L., DAINTY, A., et al. ‘Organizing Space and Time through Relational Human-Animal Boundary Work: Exclusion, Invitation and Disturbance’, **Organization**, Leicestershire, v. 23, n 3, IN PRESS, 2016. p. 434-450.

SILVA, M. B. B. Reflexividade e Implicação de um “pesquisador-nativo” no campo da saúde mental: sobre o dilema de pesquisar os próprios “colegas de trabalho”. **Campos-Revista de Antropologia Social**, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 99-115, 2007.

SILVA, C.F.; PEREIRA, E.L.; MAZO, J.Z. **Clubes Sociais: práticas esportivas e identidades culturais**. *Licere*, Belo Horizonte, v.15, n.2, jun/2012.

SIMMEL, G. **Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal**, In: SIMMEL, G. Georg Simmel: Sociologia. Organização de Evaristo de Moraes Filho. Coordenação de Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (Org.). **Pesquisa qualitativa em administração**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. Cap. 1, p. 13-28.